

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ÚLTIMA DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS E A INTERPRETAÇÃO DA "PEDRA FORMOSA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da "Pedra Formosa". *Revista de Guimarães*, 41 (1-2) Jan.-Jun. 1931, p. 55-60.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros

e a interpretação da «Pedra Formosa»

-
- I.— Notícia da descoberta. II — Descrição do monumento encontrado: a) *Fornalha*; b) *Galeria coberta*; c) *Ante-câmara*; d) *Atrio*; e) *O espólio*. III — Exame comparativo e interpretação do monumento. IV — Conclusões.
-

I — Notícia da descoberta

Em princípios de Setembro de 1930, alguns trabalhadores ocupados na abertura da estrada para a Citânia de Briteiros (1) encontraram, ao efectuar um desatferro, nãl vertente sul do monte, aproximadamente a uns 100 metros da entrada das ruínas, um grupo de grandes pedras dispostas paralelamente, em posição horizontal, que se lhes tornou suspeito, pois parecia que tais pedras estavam servindo de cobertura a qualquer construção subterrânea. De facto assim era, porquanto através dos interslícios dessas pedras, mais ou menos separadas umas das outras, verificaram os operários que a terra subjacente não estava comprimida, antes se encontrava tão solta que as alavancas de ferro penetravam nela inteiramente.

(1) Deve-se ao ilustre Ministro do Comércio e Comunicações, Sr. Dr. João Antunes Guimarães, a realização d'êste importante benefício público — a estrada da Citânia. Se as necessidades turísticas de há muito não reclamassem êste melhoramento que tornou acessível e cômoda a visita a tão interessantes ruínas, bastaria o facto de os trabalhos de abertura da estrada terem provocado a descoberta do notabilíssimo monumento arqueológico que constitui o objecto do presente estudo, para se aplaudir e justificar plenamente a despesa que o Estado fez com mais esta via de comunicação.

ramente, com um pequeno esforço. Deslocaram então as grandes pedras e, fantasiando logo tesouros escondidos, chamaram a atenção do capataz, que, por sua vez, comunicou o facto ao Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, um dos Directores da Sociedade Martins Sarmento e que, nesta qualidade, tem a seu cargo a conservação das Estações Arqueológicas pertencentes àquela Instituição.

Levado por uma natural curiosidade, o Dr. F. R. desviou imediatamente para êste local alguns dos operários que trazia ocupados na limpeza das ruínas da Citânia (1) e, após algumas horas de trabalho, punha a descoberto uma construção circular, de alvenaria, com cêrca de 1^m,50 de diâmetro na bôca, alargando sensivelmente e apresentando uma forma abobadada, à maneira que a escavação aumentava. A perto de 2 metros de profundidade encontrou-se um pavimento lageado, e, dispersos sôbre êle, alguns fragmentos de pedra, com uma espessura entre 10 e 20 centímetros, os quais, uma vez unidos, embora não justassem perfeitamente nas linhas de fractura, muito danificadas, apresentavam a forma geral de uma roda, perfurada no meio, tendo esta perfuração central igualmente a forma circular, com cêrca de um palmo de diâmetro (fig. 1). Pareciam assim, de relance, como que os fragmentos de uma grande roda de mó, o que levou o Dr. F. R. a pensar tratar-se de um moínho, soterrado pelas camadas de aluvião, provenientes do flanco do monte. Esta ideia era tanto mais de aceitar, quanto é certo que a escavação revelara também, na construção abobadada, do lado voltado ao poente, uma porta com as dimensões de cêrca de 1^m,50 de altura por 1^m de

(1) Ainda por intervenção do Sr. Dr. J. Antunes, a Comissão dos Monumentos Nacionais inscreveu no seu orçamento uma importante verba para reparações e conservação das ruínas da Citânia e Museus da Sociedade M. Sarmento. O delegado dessa Comissão, no Norte, Sr. Architecto Baltasar de Castro, tem sido de uma dedicação muito louvável, mostrando um grande interêsse pela Citânia, onde em breve será construída uma casa de habitação destinada a um guarda, de uma necessidade tão urgente nesse local.

Há 50 anos, já M. Sarmento o pedia instantemente ao Governô, para salvaguarda das ruínas, à mercê do vandalismo e ignorância popular.

E' esta, portanto, uma maneira inteligente de honrar a memória do sábio Arqueólogo: — continuando e defendendo a sua obra.

largo; e ainda porque, na calçada primitiva que passa próxima, ao lado nascente, tinha sido posta a descoberto, pouco tempo antes, uma caleira de pedras, que ligava com a fonte pública da Citânia, situada à entrada da povoação, e dava saída, evidentemente, aos escorros daquele pequeno reservatório. A uns 25 metros da construção descoberta, aquela caleira aparta-se da margem da calçada e toma precisamente a direcção do monumento descoberto (fig. 2). Tudo isto induzia à suposição do moinho, afastando a hipótese de qualquer poço ou reservatório de águas, incompatível com a existência de uma larga porta de entrada.

Quando, passados poucos dias, o Dr. F. R. nos deu informação desta enigmática descoberta, fomos pressurosamente ao local. Descendo ao interior do edifício e examinando com cuidado as paredes, deu-nos a impressão de que a superfície das pedras se encontrava fortemente ennegrecida pelo fogo; hesitámos, porém,

em firmar uma opinião, lembrando-nos que poderia ser que se tratasse apenas da pátina comunicada pelo contacto da terra vegetal, muito escura, que encheria por completo a construção. Só depois de uma mais perfeita limpeza das paredes se poderia julgar com acêrto. Examinando, todavia, com igual cuidado, os fragmentos soltos, de pedra, que tinham sido encontrados no fundo, constatámos que os bordos do orifício central daquela espécie de roda de mó estavam nitidamente requeimados do fogo, apresentando um tom azulado-violáceo, que o contacto prolongado da chama causa, perduravelmente, sôbre o nosso granito. Ali, era indiscutível o vestígio da acção do lume. Isto nos levou à convicção de que aquelas pedras fariam parte integrante das paredes de qualquer chaminé, destinada à tiragem de uma fornalha, as quais, da parte superior da mesma fornalha houvessem abatido sôbre o pavimento. Pensámos,

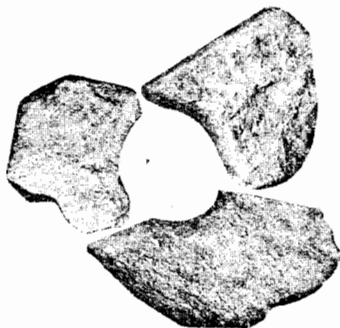


Fig. 1 — Pedra fragmentada, com vestígios da acção do fogo, encontrada no interior do monumento.

(Fot. do autor).

portanto, que se trataria de um forno. Destinado a que fim? O conduto da água em direcção àquela construção era um tanto inexplicável. Mas bem podia ser que passasse junto dela, sem contudo utilizar ao monumento.

Decorridos alguns dias, os empreiteiros da estrada, que, a pedido do Dr. F. R., haviam interrompido a obra naquele ponto, insistiam pelo pagamento de uma indemnização avultada, creio que uns 3:000 escudos, para desviarem naquele lanço a directriz da via pública apenas uma meia dúzia de metros, de forma a permitir a continuação das escavações arqueológicas no local. A Direcção da Sociedade Martins Sarmento, talvez orientada por qualquer sugestão estranha, estava resolvida, em face do quantitativo elevado da indemnização exigida e do apertado orçamento da casa, a deixar que o monumento fôsse novamente soterrado e o leito da estrada lhe passasse por cima! Contra esta intenção protestámos, particularmente, em conversa com um dos Directores da Sociedade, o ilustre etnógrafo Vieira Braga, discordando também o Dr. F. R. Este último, unindo o pensamento à acção, dispôs-se a continuar as explorações, sob sua inteira responsabilidade, antes de se consumir a irreflexão do novo aterramento daquilo que se havia descoberto, e que já era muito! Em hora tão feliz tomou tal iniciativa que, a 24 de Setembro, recebíamos nós um telegrama seu, convidando-nos a comparecer imediatamente em Briteiros. Compreendendo que alguma cousa de extraordinário se haveria passado na escavação, acorremos sem demora, e, encontrando o Dr. F. R. na povoação de Briteiros (Salvador), antes de subir o monte, recebemos de chofre esta notícia, absolutamente inesperada: — «Na escavação appareceu *outra* Pedra Formosa!» Perante novidade tão extraordinária, nem ao menos quisemos ouvir quaesquer detalhes e, sem perda de tempo, dirigimo-nos para o local.

Quando ali chegámos, vimos que o Dr. F. R. tinha pôsto a descoberto um corredor de cêrca de 2^m de largo por 3 de comprimento, em comunicação com a porta da construção circular, pavimentado com enormes lajes que occupavam tôda a sua largura, e com as paredes laterais também formadas de grandes pedras, de 1^m, 10 de altura. No tôpo desse corredor, do lado opôsto à porta da edificação circular, encontrava-se, abatida para a parte exterior, mas

não por completo caída horizontalmente, a nova «Pedra Formosa».

Com efeito, aquela enorme pedra (cuja posição primitiva fechando o corredor era evidente, pois não estava tombada de todo e os seus bordos laterais ainda se conservavam encostados, na parte inferior, aos topos das paredes do referido corredor, bem como existiam no pavimento uns sulcos, onde a base encaixava com justeza) apresen-

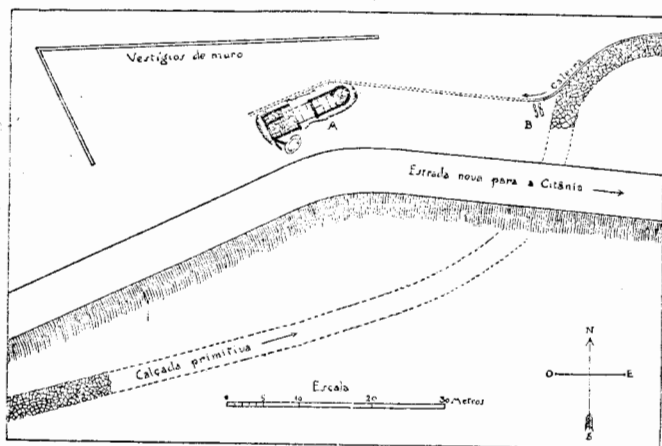


Fig. 2 — Planta topográfica do local do monumento

(Des. do autor).

tava um contôrno idêntico ao da conhecida «Pedra Formosa», monumento igualmente originário da Citânia e que hoje se conserva no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, constituindo um dos seus mais notáveis exemplares (1).

A face externa assentava nas pedras e terras do entulho, mas, pelos lados, notava-se que tinha quaisquer decorações em relevo, prevendo-se que seria tôda ornamentada. A face interior apresentava apenas três pequenas fossetas e dois sinais emblemáticos, a que adiante nos referiremos.

(1) V. Monografia de Mário Cardozo, «A Pedra Formosa» — Guimarães, 1929, separata da *Revista de Guimarães*, vols. XXXVIII, 139 e XXXIX, 87.

O seu contôrno, como o da «Pedra Formosa», tinha a disposição hexagonal, e, na parte inferior média, possuía também a mesma cavidade semi-circular, com as dimensões de 0^m,50 de largo por 0^m,40 de alto. Era evidente: tratava-se de uma pedra inteiramente semelhante à célebre «Pedra Formosa»! Rasgava-se assim, inesperadamente, casualmente, um mistério que há mais de dois séculos preocupava os investigadores:— a verdadeira aplicação da «Pedra Formosa»! O alcance da descoberta era, pois, notabilíssimo, principalmente pela revelação dêste factó concreto,— a certeza de que a «Pedra Formosa», não tinha sido destinada a um *altar* de sacrificios, como, entre várias hipóteses mais ou menos verosímeis, se calculava, mas que aquele precioso exemplar arqueológico fechava, por certo, a frente de outra edificação, semelhante a esta agora exumada, devido à meritória iniciativa do sr. Dr. F. R.

Sem demora tratámos de colocar a pedra na sua posição inicial, dando ordem aos operários para a erguerem verticalmente. Foram necessários cuidados especiais, na direcção do trabalho, pois que, infelizmente, a pedra apparecera partida, no lado inferior direito. Um grande número de trabalhadores realizou êste serviço, à fôrça braçal e apenas com o auxilio de duas compridas hastes de pinheiro. Repetia-se assim o esforço milenário e primitivo:— o homem, dispondo sòmente da máquina mais simples, a alavanca, erguia, pela segunda vez, após um intervalo de 20 séculos, aquele formidável monólito! ¡E quem sabe se êstes obreiros de hoje, que ali víamos contraindo os músculos, sob um pêso excepcional, tisonados pelo ardor do sol, com seu cabelo negro, gorduroso e crespo, a estatura baixa e o perfil de medalha ibérica, rudes, sóbrios, persistentes, miseráveis e fortes, não seriam ainda os descendentes, longínquos mas directos, daquela raça antiga e bárbara que, há mais de dois mil anos, habitava a mesma terra, os mesmos vales e outeiros, a mesma pátria, enfim!

(*Continua*).

MÁRIO CARDOZO.